

Culta, Bela e Ultrajada

Aileda de Mattos Oliveira
Em 6 de novembro de 2011

Não se pode negar que este título seja sugestivo. Há cerca de dez anos, foi assim que o Deputado Aldo Rebelo nomeou o Projeto de Lei, em defesa da Língua Portuguesa, uma das instituições mais caras à soberania do País, responsável pela unidade entre brasileiros de distintas características culturais.

Quem já leu “A última corrida de touros em Salvaterra” (Rebelo da Silva), “A abóbada” (Alexandre Herculano), “O espelho”, “A cartomante” (Machado de Assis), entre tantas outras obras, sabe por que ela é culta e bela. Ultrajada está pela intromissão descabida de termos alienígenas, pela preferência de uma parcela considerável de falantes pelo chulo e, agora, destroçada de vez por presidentes que envergonham o País pela ausência total de conhecimento, nem sequer, de uma simples concordância.

Os exemplos de vandalismo sofrido pelo vernáculo são inúmeros, principalmente com a intervenção do PT na área educacional e a distribuição de livrecos que ensinam (de maneira oposta ao que desejava o Deputado), o “*dilmês castiço*”, expressão fenomenal do jornalista Augusto Nunes, no seu artigo “Direto ao Ponto”. Essas aberrações nos ‘livros didáticos’ da era lulopetista reproduzem a norma dos dois tacanhos usuários da língua, tornados modelos, pela desvirtuada e comprometida Sociolinguística.

Definindo normas de proteção à língua e opondo-se ao abuso de estrangeirismos, nas ocasiões em que o vernáculo oferecer vocábulos correspondentes, contou esse Projeto com a má vontade de muitos, inclusive a de jornalistas, pernósticos ou modernosos, presos aos “Manuais da Redação” de suas empresas. Puseram no mesmo baú diferentes tipos de empréstimos, desconhecendo os motivos por que ocorreram. Pontilham, aqui e ali, nos seus trabalhos, termos ingleses, sinalizando, para seus leitores, grande intimidade com o vocabulário da moda que, para outros, não passa de frivolidade ou vaidade. Talvez, o “para outros” seja a opção correta.

Preferir a rígida expressão *coffee break* à cheirosa e degustável palavra “cafezinho”, que transforma a pausa de uma reunião enfadonha em encontro de amigos, é ser rastaquera em demasia.

Mas o que surpreende nesse Projeto é que foi elaborado e defendido por um comunista do PC do B. Torna-se surpreendente por serem os comunistas, pela natureza de sua doutrina de negação de valores, infensos a qualquer ato meritório em defesa de algo relativo à Nação Brasileira. Soma-se a isto, nunca ter lido ou ouvido sobre o envolvimento do Deputado em falcatruas de qualquer natureza, comumente praticadas pelos defensores da igualdade social dentro das suas hostes e das hostes coligadas, pela via do enriquecimento ilícito.

Embora essa aparente postura antípoda a seus correligionários, houve quem contestasse essa aura de beatitude, afirmando que o comunista é fiel à sua doutrina e que o Deputado Rebelo não tardaria a apresentar a verdadeira face da esquerda, quando a oportunidade batesse à sua porta. Bateu e o Deputado a abriu

Ei-la que chega (a oportunidade) e agarra-se a ela o Deputado e faz a sua estreia no Ministério do Esporte, com um pronunciamento em que não faltaram palavras de elogio e de total apoio ao corrupto antecessor, realçando, desse modo, as qualidades de improbidade do ex-ministro.

Certo estava o analista da tipologia esquerzoide. Com a queda da máscara rebeliana e com seu ato público de fé aos desvalores mitificados pela sua doutrina, chega-se à conclusão de que “culto” é a pessoa perita na arte da malversação do dinheiro público; “bela”, a situação de seu patrimônio resultante das trocas de favores, e “ultrajada”, a Nação, pela horda de vândalos ideológicos que a continua assolando e retirando-lhe as entranhas.

Mostrou-se o Deputado, por inteiro, àqueles que pensavam que podia haver uma exceção dentro do monturo de pensamentos e de ações antibrasileiros, o que vem demonstrar a despersonalização e robotização do comunista pela cega obediência aos mentores de sua linha ideológica.

Observações:

1) A autora é Professora Universitária, Doutora em Letras Vernáculas – Língua Portuguesa – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Acadêmica Fundadora da Academia Brasileira de Defesa;

2) As matérias assinadas são de responsabilidade de seus autores e não representam, necessariamente, o pensamento da ABD.